

Introdução à Resistência Civil: Um Primeiro Olhar

Pelo Centro Internacional para os Conflitos Não-Violentos, Maio de 2011

O que é?

A resistência civil é uma maneira de as pessoas comuns lutarem pelos seus direitos, liberdade e justiça sem recorrerem à violência. As pessoas envolvidas na resistência civil utilizam diversas táticas, como greves, boicotes, grandes manifestações, e outras acções, para causar mudanças sociais, políticas e económicas de longo alcance. Um pouco por todo o mundo, a resistência civil recebeu diferentes nomes — luta não-violenta, acção directa, o poder do povo, provocação política, e mobilização — mas, independentemente do termo utilizado, a dinâmica fundamental da resistência civil permanece essencialmente a mesma.

Os movimentos de resistência civil são poderosos porque convocam a participação das massas em acções de resistência contra a opressão, oferecendo uma nova visão de uma sociedade mais livre e justa, e possivelmente a lealdade daqueles que impõem o antigo sistema. Quando as pessoas optam por terminar a sua cooperação com governantes injustos, torna-se muito mais caro operar esse sistema. Quando um número suficientemente grande de pessoas opta por desobedecer, o sistema torna-se insustentável, e, a seguir, tem de mudar ou colapsar. Mesmo quando os opositores à resistência civil estão bem armados, muitas vezes não conseguem aguentar a contínua desobediência em massa e a ruptura cívica causada por acções estratégicas generalizadas de oposição não-violenta.

Por essa razão, muitos movimentos e campanhas de resistência tiveram sucesso contra diversos adversários. Em cada década do século passado, em seis continentes, movimentos populares, utilizando estratégias não-violentas, derrubaram regimes opressivos, resistiram com sucesso a ocupações militares e trouxeram maior justiça e liberdade a essas sociedades. Por exemplo, a resistência civil foi crucial para o fim do apartheid na África do Sul; foi utilizada para o progresso dos direitos das mulheres, dos direitos civis e dos direitos laborais nos Estados Unidos; derrubou ditadores nas Filipinas, Chile, Indonésia, Sérvia e noutros lugares; foi utilizada para obstruir a ocupação estrangeira na Dinamarca e em Timor Leste; foi fulcral na obtenção da independência da Índia em relação à Grã-Bretanha; anulou o resultado de eleições fraudulentas na Europa de Leste, acabou com a ocupação síria do Líbano, e foi utilizada em muitos outros países para instituir os direitos humanos, a justiça e a autogovernança democrática

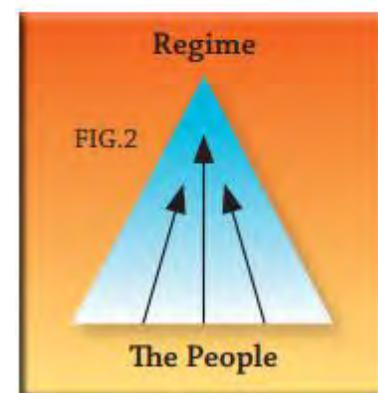
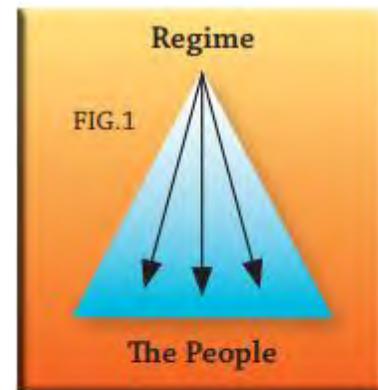
Conceitos-Chave

Resistência Civil vs. Não-Violência Ética

A Resistência civil é uma forma de luta política. A não-violência ética é um conjunto de princípios que proíbe o uso da violência. Os participantes em alguns movimentos de resistência civil bem-sucedidos, como a luta pela Independência da Índia ou o Movimento dos Direitos Civis dos Estados Unidos, pregaram a não-violência ética. Mas não existe nada inerente à utilização da resistência civil que requeira que os seus praticantes adiram à acção não-violenta em si mesma. Na realidade, ao longo da história, é muito provável que a maioria dos resistentes civis não fosse motivada pela não-violência ética. Em vez disso, foram motivados pelo facto de a resistência civil ser o único, ou o mais eficiente, modo de conduzirem a sua luta.

Visão Monolítica vs. Visão Pluralista do Poder

Em muitas sociedades, a visão prevalecente do poder é monolítica (fig. 1), o que significa que as pessoas comuns são vistas como estando dependentes da boa vontade, decisões e apoio do seu governo e de outras instituições. O poder é visto como sendo exercido pelos poucos que se encontram no topo do comando, que possuem a maior riqueza e capacidade para a violência. O poder monolítico é visto como autoperpetuado, durável e difícil de mudar. No entanto, a resistência civil assenta numa premissa diferente, descrita pela visão pluralista do poder (fig. 2), que vê os governos e outros sistemas detentores do poder como sendo amplamente dependentes da obediência ou aquiescência das pessoas. Na visão pluralista, o poder baseia-se na validação e na participação de muitas partes da sociedade. É fluído, sempre dependente para a sua força da renovação das suas fontes através da cooperação de muitas instituições e pessoas. Como tal, os movimentos de resistência civil desenvolvem as suas estratégias baseados na visão de que as pessoas que organizam uma ampla coligação de cidadãos comuns para prejudicar a acção do estado a podem neutralizar ou reverter.



Actos de Omissão e Actos de Comissão

Os resistentes civis utilizaram centenas de táticas diferentes ao longo da história. Os mesmos podem ser divididos em duas categorias diferentes. Actos de omissão são táticas nas quais as pessoas deixam de fazer qualquer coisa que fazem vulgarmente ou que lhes é exigida. Exemplos desses actos incluem greves de trabalhadores, recusa no pagamento de impostos e boicotes de consumidores. Actos de comissão são táticas nas quais as pessoas começam a fazer alguma coisa que vulgarmente não fazem ou estão proibidas de fazer. Exemplos desses actos incluem protestos, grandes manifestações, protestos passivos e outras formas de desobediência civil. A sequência estratégica dessas táticas aumenta o custo para os opositores do movimento manterem o status quo. Também podem inspirar as pessoas comuns a aderirem à resistência, dado que o leque de táticas pode ser diversificado — de alto risco ou de baixo risco, público ou privado, concentrado ou descentralizado — o que permite a participação de muitos segmentos da sociedade.

Unidade, Planeamento e Disciplina Não-Violenta

Três princípios-chave da resistência civil bem-sucedida são a unidade, o planeamento e a disciplina não-violenta. A unidade é desenvolvida com a mobilização de diversos sectores da sociedade, que podem inicialmente ter queixas diferentes, em volta de um conjunto de objectivos alcançáveis. O planeamento é a sequência de campanhas e táticas baseadas numa aturada análise das condições e oportunidades para a acção. Também envolve antecipar possíveis contratemplos e ter planos de contingência para os mesmos. A disciplina não-violenta envolve o compromisso estratégico de utilizar apenas táticas não violentas, porque a violência reduz a participação civil, prejudica a legitimidade do movimento, reduz o apoio internacional e diminui a possibilidade de mudança de lealdades.

Dez Perguntas

1. Como são os governantes poderosos derrotados por pessoas comuns que utilizam a resistência?

Nenhum governante é intrinsecamente poderoso. Os governantes são poderosos apenas quando possuem o apoio directo ou indirecto de milhares, ou milhões, de pessoas da sua sociedade. Para um governante manter o controlo, a polícia, os militares, os tribunais e a burocracia têm de funcionar. As pessoas em toda a sociedade têm de ir trabalhar regularmente, pagar impostos e a renda, comprar produtos nos mercados que suportam negócios detidos ou licenciados pelo estado. As pessoas que trabalham com mercadorias e nos transportes, assim como nas comunicações e nos serviços, devem continuar a movimentar bens e a prestar serviços. Estes são apenas alguns exemplos de grupos cujo apoio é fundamental para o funcionamento do sistema.

Compreendendo isso, os organizadores da resistência civil desenvolvem estratégias que abalem esse apoio e tornem o status quo difícil de manter. Mobilizar um grande número de pessoas para discordar e protestar pode reduzir a legitimidade dos governantes, em particular, se for utilizada repressão contra as pessoas que exercem os seus direitos. Prejudicando o controlo do estado, os movimentos de resistência civil podem fazer aumentar o custo de manutenção do sistema – ao ponto de os seus defensores começarem a questionar o seu futuro. Uma vez abalada a sua lealdade, qualquer forma de opressão torna-se mais difícil de impor.

2. Como começa a resistência civil?

Muitas campanhas bem-sucedidas de resistência civil começam por criar primeiro capacidade de acção nas pessoas comuns. As tácticas locais de baixo risco podem ser muito importantes para organizar as pessoas e criar unidade. Por exemplo, antes de Gandhi lançar a sua primeira grande campanha de resistência na Índia, passou meses e anos a visitar e a falar com as pessoas comuns, ficando a conhecer as suas queixas, esperanças e medos. Percebeu o que seria necessário para conquistar a sua lealdade e cooperação. Também encorajou as pessoas a participarem em “trabalhos construtivos” — serviço comunitário que criou autoconfiança nas pessoas que tinham perdido essa mesma confiança no estado, mas que anteriormente se sentiam impotentes para agir.

Quando as campanhas criam capacidade suficiente para haver formas mais directas de resistência civil, começam muitas vezes com acções dirigidas a questões locais que interessam a um público mais alargado. Por exemplo, os organizadores do Solidariedade, na Polónia, começaram com uma greve laboral num estaleiro. Quando conseguiram uma vitória numa questão e criaram um sindicato independente, essa vitória teve um enorme impacto psicológico nos polacos em todo o país, e o movimento ganhou força. Similarmente, o movimento dos direitos civis, nos Estados Unidos, ganhou força após protestos passivos e boicotes terem acabado com a segregação racial nas lojas e nos autocarros em algumas cidades do sul dos Estados Unidos. Com esses sucessos, o movimento mostrou o poder da resistência civil e rapidamente adquiriu atenção nacional e seguidores.

3. Como organizo protestos?

Os planeadores estratégicos de um movimento devem identificar quais são os seus objectivos, quais são os pontos fortes, as fraquezas e capacidades do movimento e dos seus opositores e que assistência podem oferecer terceiros e factores externos. Quando um movimento definiu claramente os planos a curto, médio e longo prazo e procedeu a uma análise factual detalhada e sistemática da sua situação, estará em muito melhor posição para escolher quais as tácticas que quer empregar. Nessa altura, se o

movimento optar por manifestações de protesto como tática principal e quiser aprender como as tornar bem-sucedidas, existem numerosos recursos disponíveis que explicam a dimensão tática e técnica de o fazer.

4. Se não forem protestos, então o quê?

Muitas pessoas pensam que os protestos são a actividade principal dos movimentos de resistência civil. No entanto, os protestos são apenas um dos diversos tipos de táticas que os resistentes civis podem utilizar na sua luta. Existem mais de duzentas táticas identificadas de acção não-violenta por onde escolher. Variedades de boicotes (de consumidores, político e social); greves; abrandamento do trabalho; recusa do pagamento rendas, impostos e despesas; petições; desobediência civil; protestos passivos; bloqueios; e o desenvolvimento de instituições paralelas são alguns exemplos de outras táticas de resistência civil.

A escolha e sequência de táticas dependem da avaliação feita pelo movimento da sua própria situação; assim como das suas capacidades e objectivos. Se um movimento não for muito forte, pode ter em consideração táticas dispersas e de baixo risco, como boicotes ou a exibição anónima de símbolos, de modo a aumentar a capacidade do movimento, comunicar a sua mensagem e/ou prejudicar os adversários. Numa fase mais avançada, quando o movimento se tiver tornado mais forte, pode ser capaz de levar a cabo formas de acção mais concentrada, como comícios, marchas, manifestações de protesto ou desobediência civil em larga escala.

É importante recordar que apesar de os protestos serem geralmente a acção mais familiar para as pessoas, isso não significa que sejam o único, ou o melhor, plano de acção. Dependendo da situação, existem muitas outras táticas que podem obter melhores resultados a mais baixo custo para o movimento. A criatividade e o pensamento estratégico são muitos importantes na decisão sobre que táticas empregar.

5. E se o movimento não tiver um líder carismático?

Muitos movimentos históricos levaram a cabo resistência civil sem um líder carismático. O movimento anti-apartheid da África do Sul obteve grandes sucessos quando o seu líder estava na prisão e sem poder comunicar com o movimento. Mais importante do que o charme pessoal ou a capacidade de discursar dos líderes de movimentos com base civil é saber como responder e ouvir os diversos participantes de um movimento, pesando cuidadosamente os custos e os riscos inerentes a planos de acção alternativos, e partilhar a tomada de decisões com os líderes locais.

Além disso, depender excessivamente de líderes carismáticos comporta riscos especiais. Por vezes, esses líderes podem ser cooptados por governantes que oferecem a partilha de poder, ou podem ser presos. Movimentos resilientes e representativos são organizados de modo a que se os líderes forem afastados, os movimentos possam apresentar novos líderes.

6. E se eu achar que a resistência não funciona no meu país?

A resistência civil nem sempre é bem-sucedida. Mas tem funcionado em muitos países em todo o mundo onde “peritos” e outros pensaram que nunca progrediria. O General Augusto Pinochet, do Chile, era considerado um dos ditadores mais brutais do mundo, e muitos duvidavam que a resistência civil pudesse ser crucial para o remover, mas foi o que sucedeu. E poucos suspeitariam que o ditador sérvio Slobodan Milosevic, alcunhado o “Carniceiro dos Balcãs”, seria forçado a afastar-se devido à pressão não-violenta. No entanto, quando Milosevic ordenou às suas tropas e à sua polícia para reprimirem centenas de milhares que se manifestavam e pediam que ele se afastasse em 2000, as suas forças de segurança recusaram-se a obedecer às suas ordens face a mobilização massiva dos seus concidadãos. Milosevic não teve outra alternativa senão demitir-se.

Se ainda não tens a certeza se a resistência civil funcionaria na tua situação, então, se forem realistas, tomam-se em consideração alternativas: mudar o sistema político a partir de dentro; participar em eleições; recorrer ao sistema jurídico; participar em negociações e dialogar com os adversários; apelar à ajuda de intervenientes internacionais; e intentar acções armadas são tudo opções tentadas em diversas partes do mundo. Apesar de não ser certo que a resistência civil tenha sucesso, também é não é certo que qualquer um dos outros meios de acção o tenha.

A decisão por um grupo de oposição ou dissidente é, assim, a escolha pelo plano de acção com a maior possibilidade de obter seguidores de diferentes quadrantes, de desafiar a legitimidade de um de um opressor, de escapar ou neutralizar a repressão e de estimular a divisão entre os que defendem o sistema existente. Ao longo da história, houve muitos grupos de oposição que levaram estas hipóteses em consideração e optaram por se decidir pela resistência civil; apesar de, às vezes, ter sido utilizada em conjunto com meios mais tradicionais de mudança política, como eleições, contestação por via jurídica, negociações e a reforma interna do sistema.

7. E se o meu adversário recorrer a violência?

Deves esperar que, a dada altura, o teu adversário recorra à violência. Historicamente, foi quase sempre o caso. No entanto, o recurso à violência por parte de um adversário não significa que um movimento de resistência civil tenha falhado. Os movimentos de

resistência civil lidam com a repressão violenta de diversas maneiras que podem reduzir a sua eficácia e/ou ser contraproducentes para o opressor.

Antes do mais, para evitar ou tentar silenciar a repressão violenta, os movimentos de resistência civil podem começar a utilizar táticas difíceis de reprimir pela violência. Por exemplo, boicotes de consumidores, nos quais as pessoas optam por não comprar certos produtos seleccionados, são muito difíceis de subjugar, porque são descentralizados e é difícil, ou impossível, a um regime determinar quem participa, ou não, no boicote. Se as manifestações de protesto ou outras táticas públicas ou de concentração estão a ser reprimidas, a resistência não política ou descentralizada e as táticas não-violentas como a recusa em pagar taxas ou impostos ou mesmo uma greve geral podem ser melhores opções para o movimento.

Além disso, os movimentos de resistência civil podem utilizar táticas inovadoras para fazer com que a repressão do seu adversário seja contraproducente. Expor a repressão ao mundo, e publicitar essa repressão com imagens e notícias dentro do país, pode torná-la mais custosa – em termos de reputação e investimento internacional – do que é para o movimento. Nem toda a repressão é contraproducente, mas quando um movimento complica, atrasa ou revela a natureza hedionda de certos actos de repressão, isso pode resultar em grandes perdas de apoio público e internacional.

Por último, existem casos, como nas Filipinas, em 1986, no Chile, em 1988, na Sérvia, em 2000, e na Ucrânia, em 2004, nos quais membros das forças de segurança desertaram para a oposição, o que reduziu ou efetivamente eliminou a capacidade de o regime usar a repressão. Essas deserções das forças de segurança foram causadas por esforços deliberados de longo prazo dos movimentos de resistência destinados a acabar com a lealdade das forças de segurança ao regime.

8. E se o meu adversário não puder ser persuadido?

Para vencer não é necessário persuadir o núcleo duro daqueles que são responsáveis pela opressão. No entanto, poderá ser necessário persuadir alguns dos apoiantes do nosso adversário.

Lembrem-se, a resistência civil é poderosa porque muda as crenças e os comportamentos de milhares ou dezenas de milhares de indivíduos cujas acções, directa ou indirectamente, apoiam a opressão. Quando as fontes de poder do nosso adversário são enfraquecidas, nessa altura, já não faz diferença que ele seja, ou não, persuadido. A sua violência foi reduzida ao ponto de se aperceber de que já não controla o resultado, e é assim forçado a negociar a transição para uma nova ordem.

Por exemplo, o boicote de 1985 a negócios geridos por brancos pelo movimento anti-apartheid na cidade sul-africana de Port Elizabeth causou perdas tais que os primeiros começaram a pressionar o governo para alterar as suas políticas. Esses negócios não foram persuadidos a concordarem com os objectivos do movimento, mas aperceberam-se de que fazia mais sentido aceitarem algumas das exigências do movimento do que continuar a apoiar a repressão do governo.

9. Isto vai demorar muito tempo. E se não pudermos esperar?

Nem sempre a resistência civil leva muito tempo a ter impacto. Enquanto o movimento Solidariedade não obteve poder até quase dez anos depois de ter sido organizado, nas Filipinas, a oposição levou apenas uns anos de organização para depor o seu ditador, Ferdinand Marcos. O que determina o sucesso na resistência civil não é a passagem do tempo, mas, em vez disso, o facto de um movimento ser ou não coeso e estratégico na sua acção.

10. Como podemos vencer?

Tens mais hipóteses de vencer se o teu movimento ou campanha desenvolver unidade popular, planeamento cuidadoso e disciplina não-violenta.

A unidade é fundamental pois os movimentos de resistência são poderosos quando representam a vontade e o empenho de uma maioria. É importante recordar que participar num movimento é voluntário. As pessoas aderem e correm riscos porque acreditam no movimento. No entanto, se não tiver unidade, se a causa for vaga ou duvidosa, muitos optarão por não participar. Regra geral, os movimentos de resistência civil bem-sucedidos juntaram homens e mulheres; crianças, pessoas de meia-idade e idosos; pessoas de diferentes origens religiosas e étnicas; estudantes, operários, intelectuais, membros do mundo dos negócios e outros.

O planeamento é essencial porque a resistência civil é uma competição entre um protagonista como uma campanha, um movimento ou um grupo cívico, e o seu adversário. Nessa competição, a organização e a estratégia são necessárias para moldar e dirigir a força comandada pelo movimento. Na resistência civil, os líderes tomam decisões estratégicas e táticas, como determinar como construir os seus recursos, qual a melhor maneira de utilizar esses recursos, e como se defenderem das contramedidas. São necessários dois tipos de conhecimentos para um bom planeamento. Em primeiro lugar, os estrategas precisam de conhecimento detalhado das condições políticas, económicas e sociais que enfrentam, e precisam de compreender os interesses e as aspirações dos diferentes grupos da sociedade. Em segundo lugar, os estrategas do movimento precisam de saber como funciona a resistência civil, o que pode ser aprendido por experiência pessoal, por via de recursos como livros, filmes ou a Internet,

e através da comunicação com outras pessoas com experiência em resistência civil e organização política.

A disciplina não-violenta é fundamental porque a violência de um movimento prejudica a eficácia da resistência, gerando normalmente, e parecendo justificar, medidas severas de repressão. Além disso, quando um movimento de resistência se envolve em violência, muitas vezes perde a participação das pessoas da sociedade que não querem correr o risco óbvio da violência. Por fim, quando um movimento utiliza a violência contra a polícia ou os militares, torna-se impossível dividir a lealdade dos defensores do sistema, e qualquer simpatia tácita para com o movimento desaparecerá. Isso é o oposto da dinâmica que a resistência civil consegue colocar em andamento, no qual a causa do movimento – uma sociedade mais livre e melhor, que beneficia todos – e a acção do movimento, apelando à coragem das pessoas comuns de todas as origens, se tornam tão atraentes para muitos defensores dos actuais detentores do poder como o são para aqueles que querem acabar com o sistema.

Citações

“Na verdade, foi a organização das massas que levou a uma mudança na África do Sul... que colocou pressão no estado... para que mudasse... [e que levou] a um beco sem saída, a um impasse em que o estado já não conseguia responder.” –Dr. Janet Cherry

“O principal objectivo da luta é captar a atenção. Lutar num canto onde ninguém te está a prestar atenção é um esforço desperdiçado, um esforço inútil. Temos – se lutarmos – de atrair a máxima atenção possível para a nossa causa.” –Mkhuseli Jack

“A dificuldade dos esforços não-violentos é não se reconhecer a necessidade de disciplina e treino intensos, da estratégia e do planeamento e do recrutamento e de se fazer todas as coisas necessárias num movimento. Isso não sucede espontaneamente. Tem de ser feito sistematicamente.” –Rev. James Lawson

“Foi por isso que esta repressão foi contraproducente. Porque era como a terceira lei de Newton da acção e reacção. Quando se aumenta o nível de repressão, a resistência também aumenta.” –Ivan Marovic